

Artigos Originais

Tênis de mesa e colônia japonesa em São Paulo: como tudo começou? (1927-1952)¹

Table tennis and japanese colony in são paulo: how did it all start? (1927-1952)

Tenis de mesa y colonia japonesa en São Paulo: ¿cómo empezó todo? (1927-1952)



Gustavo Kenzo Yokota

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: gustavoyokota@usp.br

Resumo: Este artigo busca estruturar de maneira inédita os primórdios da relação entre o tênis de mesa e a colônia japonesa na cidade de São Paulo. Adota-se como método uma abordagem qualitativa e exploratória, com procedimentos de pesquisas documentais em diversos jornais da época, filtrados com base em palavras-chave na Hemeroteca Digital. Com isso, espera-se trazer à tona nomes de jogadores, clubes e dirigentes pioneiros no tênis de mesa nipo-brasileiro, informações que contribuirão não apenas para as investigações relacionadas à colônia japonesa, como também aos incipientes estudos históricos da prática de raquetes.

Palavras-chave: imigração; japoneses; história; tênis de mesa.

Abstract: This article seeks to structure in an unprecedented way the beginnings of the relationship between table tennis and the Japanese colony in São Paulo city. A qualitative and exploratory approach is adopted as a method, with documentary research procedures in several newspapers of the time, filtered from

¹ Durante a pesquisa desenvolvida para este trabalho, o autor teve o apoio da Bolsa Capes oferecida pelo Programa de Demanda Social (DS).

keywords in the Digital Hemeroteca. With this, it is expected to bring to light the names of players, clubs and pioneering leaders in Japanese-Brazilian table tennis, information that will contribute not only to investigations related to the Japanese colony, but also to the incipient historical studies of the practice of racquets.

Keywords: immigration; japanese; history; table tennis.

Resumen: Este artículo busca estructurar de manera inédita los inicios de la relación entre el tenis de mesa y la colonia japonesa en la ciudad de São Paulo. Se adopta como método un enfoque cualitativo y exploratorio, con procedimientos de investigación documental en varios periódicos de la época, filtrados a partir de palabras clave en la Hemeroteca Digital. Con ello se espera sacar a la luz nombres de jugadores, clubes y dirigentes pioneros del tenis de mesa japonés-brasileño, información que contribuirá no sólo a las investigaciones relacionadas con la colonia japonesa, sino también a los incipientes estudios históricos de la práctica de raquetas.

Palabras clave: inmigración; japonés; historia; tenis de mesa.

Submetido em: 13 de setembro de 2023

Aceito em: 08 de março de 2024

1. Introdução

Ao debruçarmo-nos sobre a história do esporte brasileiro, um tema essencial para compreender o desenvolvimento e a difusão de muitas modalidades em voga nos dias atuais é, sem dúvidas, a imigração. Isso se deve ao fato de que o nosso campo esportivo foi consideravelmente influenciado por imigrantes, os quais introduziram ou ressignificaram atividades físicas semiestruturadas em terras tropicais, impactando a dinâmica local. Especialmente nas capitais, cada vez mais cosmopolitas com a presença dos novos moradores, hábitos e divertimentos importados para o lazer impulsionaram a criação de clubes associativos, bem como um uso cada vez mais informal das ruas e dos espaços vazios (Guedes; Zieff; Negreiros, 2006). É preciso ponderar que muitos esportes foram inicialmente atrelados às elites dirigentes, mas gradualmente passaram a ser utilizados como meios de sociabilidade que expressavam identidades entre diferentes estratos socioeconômicos da sociedade.

Os imigrantes desembarcaram em peso no Brasil durante o final do século XIX e início do século XX. As motivações por trás desse empreendimento remetem ao processo de abolição da escravatura, iniciado com a Lei Eusébio de Queirós (1850) e concluído institucionalmente com a Lei Áurea (1888), que gerou uma preocupante escassez de mão de obra às elites dirigentes, afinal, os antigos escravizados de origem africana eram tidos como trabalhadores indesejáveis ao projeto racial e moral que norteava o país, sobretudo após a proclamação da República (1889). Frente à abundância de terras desocupadas e à ascensão do café, matéria-prima que projetou novamente o Brasil no comércio internacional, estimulou-se a entrada, por vezes subsidiada, de imigrantes aptos ao trabalho nas grandes fazendas.

Teorias eugenistas defendiam abertamente o embranquecimento da população brasileira a partir do emprego de mão de obra europeia, no entanto, por motivos de conveniência, imigrantes de outras origens também foram subsidiados. Este é

o caso dos japoneses, que enfrentavam as agruras da explosão demográfica ocasionada pela Era Meiji (1868 a 1912). O processo imigratório dessa nacionalidade pode ser dividido em duas fases, guiadas por planos de vida diferentes: a primeira fase, que vai de 1908 a 1941, e a segunda fase, que vai de 1952 a 1979 (Demartini, 2012). Ao todo, mais de 200 mil imigrantes cruzaram o globo terrestre nesses intervalos, de modo que, hoje, o Brasil é o país de maior população *nikkei* fora do arquipélago asiático.²

Sabe-se que o estabelecimento de imigrantes japoneses e seus descendentes em terras tropicais também foi importante para a consolidação de práticas esportivas já abordadas pela literatura, tais como o beisebol (Barreto, 2017; Rubio, 2007) e o judô (Nunes; Rubio, 2012). Por outro lado, há modalidades fortemente influenciadas pela colônia nipônica que carecem de investigações históricas. Este é o caso do tênis de mesa, tradicionalmente incentivado em clubes e associações nipo-brasileiras até os dias atuais.³ É evidente que a imigração japonesa possuiu e segue possuindo um papel central na promoção e desenvolvimento do tênis de mesa brasileiro, afinal, parte considerável dos melhores atletas do país carrega sobrenomes nipônicos e, não à toa, conheceu a modalidade em espaços erguidos justamente pelos seus antepassados.

Atentemo-nos a alguns dados: segundo o Guia do Tênis de Mesa, desde 1988, ano de estreia da modalidade em Jogos Olímpicos, dezoito atletas brasileiros disputaram a competição como titulares, dos quais treze eram descendentes de japoneses (72,2%); desde 1983, ano de estreia da modalidade em Jogos Pan-Americanos, vinte e seis atletas brasileiros conquistaram medalhas, dos quais dezessete eram descendentes de japoneses (65,3%) (CBTM, 2021). Ao recuarmos no tempo para tentarmos encontrar as origens de

² *Nikkeis* são todas as pessoas com descendência japonesa que nasceram fora do país asiático, parcela bem numerosa nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, sobretudo em estados como Paraná e São Paulo, para onde migraram grandes contingentes dessa origem durante a primeira metade do século XX.

³ A título de curiosidade, o tênis de mesa provavelmente foi introduzido no Japão em 1902, pelas mãos de Tsuboi Gendo, professor da Escola Normal Superior de Tóquio, após retornar de uma turnê sobre educação física na Europa (JTJA, 2023). Baseando-se no que viu durante a sua viagem ao exterior, Gendo criou uma rede, raquete e bola, além de um livro de regras que deram início ao processo de difusão da modalidade no país asiático. Já no Brasil, a prática de raquetes desembarcou no mesmo ano, primeiro na cidade de São Paulo, onde competições abertas passaram a ser organizadas a partir de 1910 (ALMEIDA; YOKOTA, 2023a).

tamanha influência no cenário competitivo da modalidade, as informações são escassas. Sabe-se apenas que, pelo menos desde os anos 1950, o tênis de mesa já era cultivado em larga escala pela colônia japonesa estabelecida em São Paulo (CBTM, 2019). Já nas décadas de 1970 e 1980, nota-se como o estado passou a revelar os principais jogadores do país, em sua maioria descendentes dessa nacionalidade (Yokota, 2021). Os dados apontam que, de lá para cá, os vínculos firmados com os japoneses e seus descendentes se mostram frutíferos para a modalidade no Brasil. No entanto, no que se refere aos primórdios da relação entre o tênis de mesa e a colônia japonesa, há pouquíssimos registros na literatura acadêmica.

Sendo assim, este artigo busca estruturar de maneira inédita os primórdios da prática do tênis de mesa na colônia japonesa estabelecida na capital paulista. Adota-se como método uma abordagem qualitativa e exploratória, com procedimentos de pesquisas documentais em diversos jornais da época, filtrados com base em palavras-chave na Hemeroteca Digital. Com isso, espera-se trazer à tona nomes de jogadores, clubes e dirigentes pioneiros no tênis de mesa nipo-brasileiro, informações que contribuirão não apenas para as investigações relacionadas à colônia japonesa, como também aos incipientes estudos históricos da prática de raquetes. Tem-se como recorte o período que vai de 1927, data dos primeiros registros do tênis de mesa na colônia japonesa, até o ano de 1952, data em que o país asiático conquistou o primeiro título mundial.

2. Os primeiros registros do tênis de mesa na colônia japonesa (1927-1928)

Embora a maioria dos japoneses tenha vindo inicialmente ao Brasil para trabalhar em fazendas, já nas décadas de 1920 e 1930 muitas famílias ascenderam economicamente ou não se identificaram com as condições do campo e logo migraram e se estabeleceram na região metropolitana de São Paulo, que

funcionou como polo de atração para toda a colônia (Demartini, 2012). Na capital paulista, à medida que os nipônicos se davam conta que o sonho de enriquecer e voltar ao Japão estava cada vez mais distante do prometido pelas propagandas de imigração, o consolo estava em adaptar-se aos trópicos. Era necessário preservar as tradições, tão caras aos seus conterrâneos, para se sentirem o mais próximo possível da cultura de seu país de origem. Foi assim que núcleos e associações de imigrantes japoneses e seus descendentes foram fundados, cujas atividades incluíam aulas da língua materna, incentivo às práticas culturais (cultivo de Bonsai e aulas de Ikebana, por exemplo), às artes marciais (judô e kendô, por exemplo), às ginásticas e aos demais esportes originários ou populares no Japão (Suzuki; Miranda, 2008).

Nas regiões interioranas do estado de São Paulo, a maioria dos jovens imigrantes que terminavam o curso primário não possuía condições financeiras para dar continuidade aos estudos, portanto, representavam uma força de trabalho importante para a colônia japonesa. Um dos poucos espaços onde poderiam ampliar seus conhecimentos e aprofundar sua cultura era na *Seinenkai* (Associação Juvenil ou, como é mais comumente traduzido, Associação de Moços), entidades regionais responsáveis pela divulgação e promoção de muitas práticas esportivas entre a juventude (Kiyotani; Yamashiro, 1992). Com objetivos semelhantes, fundou-se a Associação dos Moços Japoneses na capital paulista, em 1916 (Imigração [...], 2009), na qual o tênis de mesa fez parte da programação social. Isso pode ser comprovado com base em uma notícia do *Correio Paulistano*, publicada em 1927, sobre um amistoso de tênis de mesa entre as turmas do renomado Sport Club Internacional e da Associação dos Moços Japoneses⁴ – naquele momento, a prática de raquetes ainda era chamada de pingue-pongue pelos brasileiros (Almeida; Yokota, 2023a).⁵

É interessante pontuar que o amistoso se deu num período em que o número de imigrantes japoneses desembarcando em

4 Cf. PING-PONG. *Correio Paulistano*, São Paulo, edição 22919, p. 6, 12 de agosto de 1927.

5 Neste artigo optou-se por adotar exclusivamente o nome de tênis de mesa, a fim de evitar confusões.

São Paulo aumentava consideravelmente. Se durante a década anterior 27.114 nipônicos cruzaram o oceano para buscar melhores condições de vida por lá, durante os anos 1920 foram 57.164 (Gonçalves, 2020). O aumento se deu, entre outras razões, por conta de uma nova política de imigração dos Estados Unidos, adotada em 1924, que desta vez proibiu definitivamente os nipônicos de entrarem no país (Lesser, 2015). Naturalmente, à medida que a colônia japonesa se tornava mais numerosa, novos clubes associativos dessa origem vinham à tona em São Paulo. Por outro lado, enquanto a capital paulista passava por intenso processo de metropolização, o corpo humano passava a ser considerado, assim como a sociedade, uma máquina passível de ser aperfeiçoada, o que estimulava como nunca a adesão às práticas esportivas (Sevcenko, 1992).

Não está ao alcance desta pesquisa investigar quem eram os envolvidos e qual era a dimensão ocupada pelo tênis de mesa na Associação dos Moços Japoneses de São Paulo. Esta agremiação existia há mais de uma década, mas os registros nos jornais consultados eram raros, o que dificulta maiores aprofundamentos. De todo modo, o amistoso divulgado pelo *Correio Paulistano* confirma que a prática de raquetes já era cultivada na colônia japonesa antes de sua regulamentação a nível nacional, ocorrida apenas em 1942 (Marinovic; Iizuka; Nagaoka, 2006). Cabe acrescentar que o amistoso da Associação dos Moços Japoneses coincide com o período em que o número de adeptos do tênis de mesa crescia ano a ano no Japão, inclusive entre as mulheres e os estudantes (JTJA, 2023). Pelo menos três entidades regulamentadoras tentavam estruturar a modalidade ao mesmo tempo, e em 1927 o tênis de mesa foi adicionado aos eventos abertos dos 8º Jogos Olímpicos do Extremo Oriente, um precursor dos Jogos Asiáticos (JTJA, 2023). Sendo assim, a prática de raquetes era utilizada como meio de sociabilidade pela Associação dos Moços Japoneses de São Paulo, afinal, tratava-se de uma modalidade que estava em voga na sua terra de origem.

Outras informações sugerem que a presença de nipônicos adeptos do tênis de mesa não se limitava à capital paulista. Para a cidade do Rio de Janeiro migraram diversas famílias que, encerrados os contratos com os fazendeiros de São Paulo, buscavam melhores oportunidades de trabalho (Neto, 2015). Há indícios de que a prática de raquetes também já era conhecida entre a pequena colônia japonesa por lá estabelecida. Pelo menos é o que notícias do jornal *Correio da Manhã*, publicadas em 1928, dão a entender. Vejamos um trecho de uma delas:

Tivéssemos nós técnicos que os procurasse aperfeiçoar [jogadores cariocas], enriquecendo-os com os múltiplos truques e profundos conhecimentos tão familiares aos japoneses – mestres inocentes, verdadeiros reis do Pingue-Pongue – não poderíamos fazer figura ainda mais brilhante? (Ping-Pong, 1928, p. 10).

Faz-se menção à qualidade técnica dos jogadores japoneses, como se estes possuíssem “profundos conhecimentos”. Apenas alguns dias depois, o mesmo periódico afirmou que a prática de raquetes, em alta no Rio de Janeiro, era um “apreciado esporte japonês”.⁶ Tais notícias também coincidiam com o período em que o tênis de mesa crescia consideravelmente no país asiático, ao ponto de ser considerado um jogo doméstico, cultivado em larga escala (Sakakibara, 2010). Provavelmente foi a partir do contato com imigrantes dessa nacionalidade que o jornalista do *Correio da Manhã* passou a considerá-los “mestres” e “verdadeiros reis” nas mesas. Afinal, tal como ocorria na capital paulista, parte da sua pequena colônia estabelecida na capital da República já conhecia o pingue-pongue na terra natal e mantinha o hábito de praticá-lo no Brasil.

Cabe lembrar que na época em que as notícias do *Correio da Manhã* circularam, o Japão sequer tinha participado de alguma competição continental. Sua estreia no Campeonato Mundial só aconteceria em 1952, ano em que o Ocidente conheceu pela

6 Cf. PING-PONG. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, edição 10334, p. 10, 14 de setembro de 1928.

primeira vez os jogadores japoneses após um destes conquistar o título individual masculino (ITTF, 2023).⁷ Sendo assim, o país asiático só viria a se tornar uma referência internacional décadas mais tarde, de tal maneira que o nível técnico dos japoneses, bem como os métodos adotados no ensino-treino, permaneciam misteriosos ao Ocidente por conta da distância geográfica, do idioma, da ausência de intercâmbios esportivos e da falta de correspondência entre jogadores, treinadores e dirigentes.

3. A estreia no tênis de mesa competitivo (1929-1933)

Em meados dos anos 1920, uma nova agremiação de origem nipônica começa a figurar nos jornais. Tratava-se do Clube Atlético Mikado, cuja escolha do nome fazia homenagem à maneira sagrada de se referir ao Imperador do Japão. Sabe-se que uma das suas principais atrações eram o beisebol e o futebol, dispondo de um campo próprio para enfrentar outros clubes paulistanos. Já a sua sede social ficava na rua Conde de Sarzedas, Bairro da Liberdade, localidade que começou a ser habitada por imigrantes japoneses ainda nas primeiras décadas do século XX, quando surgem pequenos negócios, como pensões e restaurantes especializados geridos por essa parcela de moradores (Fantin, 2013). Gradualmente, a rua Conde de Sarzedas e seus arredores passaram a concentrar número significativo de nipônicos, os quais facilitavam a fixação de outros empregando pessoas da mesma nacionalidade. Clubes associativos também desempenharam papel importante na organização da colônia e contribuíram para acentuar a concentração dos *nikkeis* (Fantin, 2013).

O C. A. Mikado ficou conhecido na capital paulista por conta de sua origem, tanto que recebia um tratamento distintivo da imprensa. O jornal *A Gazeta*, por exemplo, chamava a sua equipe de futebol de “turma dos amarelos”, uma clara referência à etnia dos seus jogadores. Em outro episódio, com tom jocoso, dizia que

⁷ O primeiro asiático a conquistar um título mundial foi o japonês Hiroji Satoh, em 1952. Na ocasião, ele utilizava uma raquete coberta com esponja grossa, diferente do padrão adotado até então. O material, desconhecido pelos europeus, causou espanto e mostrou-se extremamente efetivo para a prática do tênis de mesa, tanto que posteriormente passou a ser adotado pelos demais países (GAYNER, 2008). Foi somente naquele ano que fundou-se também a Federação Asiática, vinculada à ITTF (Federação Internacional de Tênis de Mesa) (ITTF, 2023).

os rapazes do Juvenil Liberdade – clube localizado nas redondezas do bairro – queriam provar aos representantes do C. A. Mikado que o futebol era diferente do jiu-jitsu, uma modalidade de luta difundida no Brasil graças à colônia japonesa (Outros [...], 1929, p. 7).

A agremiação, presidida por um homem chamado Tanoko, buscava preservar as tradições da terra de origem, realizando festividades típicas do “Império do Sol Nascente”, com “finas mesas de manjus” (A Gazeta, 1931, p. 10), um doce cozido no vapor de origem japonesa. Apesar disso, diferentemente de outros clubes da colônia japonesa, mostrava-se aberta a associados de diferentes etnias e nacionalidades, os quais compunham parte considerável de suas equipes esportivas. Isso se deve ao fato de que os imigrantes japoneses estavam suscetíveis a uma maior integração na capital paulista, mesmo porque muitos conviviam com os brasileiros em suas ocupações urbanas.

Em 1929, começam a surgir notícias de amistosos de tênis de mesa protagonizados pelo C. A. Mikado, tais como contra a Portuguesa de Esportes,⁸ contra o Botafogo F.C.⁹ e contra o C. A. Republicano.¹⁰ Nessas ocasiões, são mencionados apenas jogadores com nomes ocidentais. Após a virada da década, a prática de raquetes continuou sendo cultivada em suas dependências, agora localizadas em uma nova sede social, na rua Teixeira de Leite, bairro da Liberdade.¹¹

A partir de 1933, o interesse pela modalidade aumentou, e o C. A. Mikado passou a almejar um espaço nos campeonatos organizados pela A. P. P. P. (Associação Paulista de Pingue-Pongue):

São Paulo possui um bem organizado clube da colônia nipônica, integrado por suas figuras mais representativas e apoiado pelo cônsul do Japão. É o C. A. Mikado, clube que granjeou larga popularidade em nossos meios esportivos.

8 Cf. PINGUE-PONGUE. A Gazeta, Vitória, edição 07034, p. 9, 4 de julho de 1929.

9 Cf. C. A. MIKADO x Botafogo F.C. A Gazeta, Vitória, edição 07049, p. 14, 22 de julho de 1929.

10 Cf. PINGUE-PONGUE. A Gazeta, Vitória, edição 07088, p. 7, 5 de setembro de 1929.

11 Cf. PINGUE-PONGUE. A Gazeta, Vitória, edição 08209, p. 9, 24 de maio de 1933.

Uma agremiação que se impõe pela sua modelar (sic) organização e suas magníficas realizações em prol do desenvolvimento do esporte bandeirante. Cultivando com entusiasmo diversos esportes, entre os quais o pingue-pongue, o C. A. Mikado acaba de solicitar sua filiação à A. P. P. P. e respectiva inscrição para a disputa do campeonato individual da cidade (Pingue-Pongue, 1933a, p. 9).

Nota-se como, segundo a notícia d'*A Gazeta*, o C. A. Mikado já era um clube renomado na capital paulista. A iniciativa de integrar a A. P. P. P. expressa o seu desejo de, em franco progresso, ocupar espaços de maior visibilidade nos meios esportivos. O pedido de filiação foi aceito e a agremiação ingressou no campeonato da entidade, que dispunha de quatro categorias (três categorias adultas divididas por nível técnico e uma categoria juvenil). Surgem, então, os primeiros jogadores de origem nipônica na prática competitiva da modalidade: o adulto Iassa Murakami e o juvenil Francisco Tamura uniram-se a jogadores com nomes ocidentais para representar o C. A. Mikado na competição (Pingue-Pongue, 1933b).

O tênis de mesa era, àquela altura, uma modalidade que não dispunha de regulamentação a nível nacional. Chamava-se pingue-pongue no Brasil, uma prática de raquetes com variações regionais que, embora semelhante, ainda não possuía o mesmo formato adotado pela ITTF (Federação Internacional de Tênis de Mesa). Não obstante, com base nos jornais consultados, evidenciase que o esporte de salão alcançou grande popularidade durante a primeira metade da década de 1930. Alguns campeonatos da A. P. P. P., principal entidade dirigente da modalidade naquele momento, mobilizaram milhares de torcedores e receberam uma grande cobertura da imprensa, sobretudo d'*A Gazeta*.¹² Outra forma de atestar a popularidade alcançada pelo tênis de mesa é a quantidade de clubes que disputavam amistosos, em crescimento constante. Das mais elitizadas às mais modestas, rara

¹² Cf. O EXITO sensacional da noite pingue-ponguística de ontem no República-Patinação. *A Gazeta*, Vitória, edição 07931, p. 9, 8 de julho de 1932.

era a agremiação de futebol que não possuía também uma turma da prática de raquetes, segundo o jornal.¹³ Foi nesse momento de efervescência que novos representantes da colônia japonesa também passaram a figurar nos jornais, demonstrando maior interesse pelo tênis de mesa. O Juvenil Nippak Shimbun é um desses exemplos, tendo disputado amistosos em 1933.¹⁴ Tratava-se de uma equipe de origem japonesa, mantida pelo jornal de mesmo nome, que funcionou entre 1916 a 1941 na cidade de São Paulo (Okamoto; Nagamura, 2015). Também cabe destacar o nome de Kuramoto, um outro jogador de origem nipônica que disputou partidas de tênis de mesa pelo clube São Luiz, localizado na capital paulista.¹⁵

4. O contexto conturbado dos anos seguintes (1934-1950)

Durante os anos que se seguiram, o tênis de mesa tornou-se cada vez mais popular no Japão, pois este adotou as regras internacionais em 1934 e criou a Associação Japonesa de Tênis de Mesa, uma entidade unificada, em 1937 (JTТА, 2023). Diante desse cenário, seria de se esperar que a colônia japonesa continuasse conquistando novos espaços dentro da modalidade competitiva em São Paulo, entretanto, ocorreu justamente o contrário. A partir da segunda metade da década de 1930, jogadores nipônicos nascidos ou não no Brasil deixaram de figurar nas competições divulgadas pelos jornais consultados.

É preciso considerar que existia um cenário conturbado no Brasil, pouco favorável à integração de imigrantes japoneses e seus descendentes em certas atividades locais. Ainda que não seja possível afirmar, tal questão pode, de alguma maneira, ter contribuído para o afastamento de agremiações como o C. A. Mikado do tênis de mesa competitivo. Existia à época o pensamento de que os “amarelos” eram considerados uma “raça” naturalmente

13 Cf. ASSOCIAÇÃO Paulista de Pingue-Pongue. *A Gazeta*, Vitória, edição 07412, p. 11, 2 de outubro de 1930.

14 Cf. PINGUE-PONGUE. *A Gazeta*, Vitória, edição 08229, p. 9, 16 de junho de 1933.

15 Cf. SÃO LUIZ x C. A. Mikado. *A Gazeta*, Vitória, edição 08382, p. 10, 14 de dezembro de 1933.

inferior, o que legitimava o uso de diversos adjetivos negativos para lhes retratar publicamente: inassimiláveis, hipócritas, predispostos a doenças mentais incuráveis, nocivos do ponto de vista cultural, político e social, além de serem comumente associados a roedores (Takeuchi, 2016). Preconceitos do tipo foram incorporados pela sociedade brasileira com o aval da imprensa, dos governantes, de médicos e intelectuais, os quais alardeavam um suposto “perigo amarelo”.

Após a aprovação da Constituição Federal de 1934 e, posteriormente, a implementação do Estado Novo (1937-1945), os ataques aos imigrantes japoneses tornaram-se cada vez mais recorrentes. Foram anos de perseguição e discriminação, cujo ápice se deu com o rompimento das relações diplomáticas entre os dois países, em 1942 (Cornejo; Yumi, 2008). Naquele momento, em meio à Segunda Guerra Mundial, Brasil e Japão viravam oficialmente inimigos, o que acarretou uma série de novas consequências negativas para os imigrantes que tentavam se estabelecer em terras tropicais, tais como o fechamento de escolas e periódicos nipo-brasileiros, ou a proibição da comunicação na língua-pátria. Todo esse processo fez com que uma parcela considerável dos nipônicos evitasse ainda mais o contato com a população local. A solução era optar pelo isolamento em seus núcleos, chamados à época de “quistos raciais”, onde poderiam burlar as medidas de exceção para se comunicar na língua pátria, expressar os seus pensamentos, colocar em prática a educação da terra natal aos mais jovens e preservar hábitos culturais.

Fato é que, durante a Segunda Guerra Mundial, diversas práticas esportivas foram afetadas e tiveram suas atividades interrompidas na colônia japonesa por conta do contexto político encontrado no Brasil, cabendo citar o exemplo do judô, do atletismo e do beisebol (Kiyotani; Wakisaka, 1992). O tênis de mesa nunca chegou a possuir o mesmo grau de organização e difusão dessas modalidades, as quais eram praticadas sobretudo nas regiões interioranas do estado de São Paulo. Ainda assim, motivações parecidas podem ter atrapalhado o seu processo de estruturação,

fazendo com que os praticantes nipônicos deixassem de aderir a novas competições das entidades regulamentadoras. Exemplo disso é que a Federação Paulista de Tênis de Mesa (antiga A. P. P. P)¹⁶ realizou diversos campeonatos ao longo dos anos 1940, mas não há nenhum clube ou jogador de origem japonesa nos registros desses episódios.

No período proposto para este tópico (1934 a 1950), a única referência encontrada sobre um praticante de tênis de mesa de origem nipônica data de 1939, quando o Centro Acadêmico Álvares Penteado organizou um campeonato interno para os seus estudantes, entre os quais estava Iwama.¹⁷ Tal instituição, pioneira no tênis de mesa universitário, organizava com frequência eventos do tipo para homens e mulheres (Almeida; Yokota, 2023b). Iwama era, provavelmente, pertencente à segunda geração de nipônicos, nascida ou não no Brasil, cuja família havia se estabilizado economicamente na capital paulista durante aquele período. Tratava-se de membros da colônia japonesa com esse perfil que conseguiam dar continuidade aos estudos, ingressando em universidades renomadas que estariam por contribuir para um processo de ascensão social intenso (Demartini, 2012).

5. O retorno gradual ao cenário competitivo (1951-1952)

Apesar das divergências internas no pós-guerra, a rotina das colônias japonesas foi gradualmente voltando ao normal, o que também incluía as atividades esportivas. Em 1947, por exemplo, reorganizou-se o Campeonato da Colônia de Atletismo, modalidade praticada em peso pelos nipônicos (Kiyotani; Wakisaka, 1992). As atividades esportivas entre núcleos de diferentes localidades tiveram um importante papel de sociabilidade nesse processo, tendo se consolidado o seguinte formato de competições:

| Inicialmente se realizava uma competição interna dentro

¹⁶ A entidade foi fundada em 1929, com o nome de Associação Paulista de Pingue-Pongue. Somente em 1941 tornou-se a Federação Paulista de Tênis de Mesa, em consonância às normas esportivas da época (PARABÉNS [...], 2009).

¹⁷ Cf. TORNEIO dos 10 minutos do Grêmio Acadêmico Álvares Penteado. *Correio Paulistano*, São Paulo, edição 25459, p.13, 7 de março de 1939.

de uma colônia, reunindo aficionados e eventuais esportistas com experiência no ramo. A seguir, chegava a fase de competição com colônias vizinhas. Paulatinamente o movimento ia se alastrando até abranger uma zona ou uma região ao longo de uma linha férrea. Pouco depois chegava ao âmbito estadual e finalmente ao “Zen-Haku” (Todo o Brasil), com a participação de representantes de colônias japonesas de vários estados (Kiyotani; Yamashiro, 1992, p. 131).

Tal formato, que visava promover a recreação e lazer dos jovens, contribuía para integrar imigrantes japoneses e seus descendentes de diversas regiões do estado de São Paulo e do Brasil, estreitando as relações entre suas respectivas organizações locais. Dessa maneira, práticas esportivas eram estimuladas não apenas para a preservação de valores e hábitos culturais, mas também como instrumento de união da colônia japonesa.

Conforme discutido anteriormente neste trabalho, o tênis de mesa era praticado em São Paulo pelos imigrantes japoneses e seus descendentes desde pelo menos 1927, mas ainda não encontrava-se difundido nas colônias das regiões interioranas e de estados vizinhos, onde a principal ocupação consistia na agricultura. Com a entrada dos anos 1950, tal situação começou a mudar graças a Haruo Mitida, um imigrante nipônico que, segundo os memorialistas, percorreu as colônias do interior paulista e do Paraná para divulgar a modalidade (CBTM, 2019; CBTM, 2020). Entusiasta do tênis de mesa no país de origem, ele ensinou as regras, doou materiais e estimulou os seus conterrâneos a adotarem-no na nova terra. Após os primeiros contatos, a modalidade rapidamente difundiu-se pela colônia japonesa, afinal, não era custosa e tampouco demandava a construção e manutenção de novos espaços: raquetes de madeira pura e o suporte com rede poderiam ser facilmente confeccionados; as mesas, de fabricação nacional, eram montadas e desmontadas nos salões compartilhados das associações nipônicas, algo que se mantém até os dias atuais.

Seguindo o mesmo formato das demais competições esportivas da colônia japonesa, Haruo Mitida criou o Campeonato Brasileiro Intercolonial de Tênis de Mesa em 1951, com patrocínio do *Jornal Nippak* (Kiyotani; Wakisaka, 1992). Inicialmente, tratava-se de um torneio da prática de raquetes que visava reunir apenas os clubes *nikkeis*, de diferentes regiões de São Paulo e do Paraná (CBTM; 2020). Com o passar do tempo, imigrantes e descendentes de outros estados, com as mais variadas faixas etárias, começaram a ingressar no Campeonato Brasileiro Intercolonial de Tênis de Mesa. Este evento, organizado anualmente até o presente momento, tornou-se uma referência nacional por possuir centenas de participantes inscritos, tendo revelado dezenas de atletas da seleção brasileira e operado como porta de entrada da modalidade competitiva.¹⁸

Figura 1 – Haruo Mitida na cidade de Duartina, interior de São Paulo, com adeptas do tênis de mesa da colônia japonesa local. Foto tirada em 1954 ou 1955.



Fonte: acervo pessoal de Itiro Takahashi.

¹⁸ A 72ª edição do evento ocorreu em janeiro de 2023, na cidade de Maringá, Paraná. Atualmente, atletas que não possuem descendência japonesa também podem disputar a competição em uma categoria específica.

Após o ano de 1952, quando foi assinado o Tratado de São Francisco que restabeleceu a soberania do Japão, a imigração entrou em pauta outra vez (Cornejo, Yumi; 2008). Para os japoneses e seus descendentes no Brasil, tal gesto significou um esfriamento das tensões internas, o que foi essencial para uma maior integração e participação dessa população na sociedade local. Cabe destacar que, àquela altura, o tênis de mesa já era um esporte amplamente difundido pelo Japão, país que estreara no Campeonato Mundial de 1952, sediado na Índia, com a conquista do título individual masculino pelas mãos de Hiroji Satoh (ITTF, 2016). Tal cenário certamente favoreceu ainda mais a adesão à modalidade nos clubes e associações nipônicas, tanto que, a partir da segunda metade da década, japoneses e seus descendentes voltaram a figurar nas competições estaduais de São Paulo. Para além de participantes, ao final dos anos 1950 já eram os primeiros colocados nas categorias masculina e feminina da Federação Paulista de Tênis de Mesa, além de conquistarem vagas na seleção brasileira e disputarem campeonatos mundiais, temas estes que demandam a investigação de um trabalho específico.¹⁹

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo estruturar os primórdios da prática do tênis de mesa na colônia japonesa de São Paulo, cidade que possui a maior população *nikkei* fora do arquipélago asiático e, também, o maior número de adeptos da modalidade no Brasil. Com base no recorte histórico proposto (1927 a 1952), foi possível identificar os primeiros registros de clubes, jogadores e dirigentes nipônicos a cultivarem o tênis de mesa na capital paulista.

Espera-se que os achados deste artigo contribuam para preencher lacunas dos estudos históricos do tênis de mesa no Brasil, posto que, conforme apresentado ainda na introdução, o protagonismo de nipo-brasileiros tornou-se um imperativo no

¹⁹ Casos emblemáticos foram o de Yoshizume Hirasaki, um imigrante estabelecido em São Paulo que conquistou o título de campeão paulista em 1958, e o das irmãs Takakatsu, as quais venceram competições estaduais e foram as primeiras *nikkeis* a ingressarem na seleção brasileira ao final da mesma década (Kiyotani; Wakisaka, 1992).

formato competitivo da modalidade, algo que se mantém até os dias atuais. No entanto, é preciso reconhecer que o desenvolvimento deste artigo contou com alguns limites, tais como a ausência de investigações semelhantes na literatura consultada e a escassez de registros sobre as atividades da colônia japonesa nos jornais impressos em língua portuguesa.

Por fim, há outras abordagens que poderão somar aos estudos históricos da modalidade, tais como investigações voltadas: aos primeiros nipo-brasileiros a chegarem à seleção brasileira de tênis de mesa, ao final da década de 1950; às décadas de 1960, 1970 e 1980, quando atletas nipo-brasileiras passaram a galgar posições de destaques em competições internacionais; à outros estados que receberam grandes contingentes de imigrantes japoneses e possuem uma certa tradição na prática do tênis de mesa, cabendo citar o exemplo do Paraná.

Referências

A GAZETA Esportiva na várzea. **A Gazeta**, Vitória, edição 07738, p. 10, 19 de novembro de 1931.

ALMEIDA, M. B.; YOKOTA, G. K. A Chegada do Tênis de Mesa ao Brasil: origem e significados do Ping-Pong enquanto prática civilizada (1902-1909). **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 42-62, 2023a. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/40142>. Acesso em: 24 ago. 2023.

ALMEIDA, M. B.; YOKOTA, G. K. Os Primórdios do Tênis de Mesa Feminino em São Paulo (1902-1952). **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [s. l.], v. 25, n. 4, p. 106-136, 2023b. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/44480>. Acesso em: 18 jul. 2023.

BARRETO JESÚS JOSÉ, M. Desenvolvimento do Beisebol brasileiro. **Fiep Bulletin**, [s. l.], v. 87, n. 1, p. 537-538, 2017. Disponível em: <https://www.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/5902>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CBTM. Guia do Tênis de Mesa 2021. In: CBTM. **[Site institucional]**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://static.blocks-cms.com/cbtm/upload/download/d959c7aea87942978a6d355717406cb6.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CBTM. Japoneses e tênis de mesa: um casamento de muitas décadas, cada vez mais consolidado no esporte brasileiro. In: CBTM. **[Site institucional]**. [S. l.], 18 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.cbtm.org.br/noticia/detalhe/92071>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CBTM. Símbolo de união e resistência da colônia japonesa, Intercolonial de Tênis de Mesa chega aos 70 anos. In: CBTM. **[Site institucional]**. Itupeva, SP, 22 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.cbtm.org.br/noticia/detalhe/92388>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CORNEJO, C.; YUMI, M. **Kasato Maru**: São Paulo, A Alvorada do Novo Mundo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DEMARTINI, Z. B. F.. Japoneses em São Paulo: desafios da educação na Nova Terra. In: DEMARTINI, Z. B. F. e KISHIMOTO, T. M. (org.). **Educação e Cultura – Brasil e Japão**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2012, v. 1. p. 23-46.

FANTIN, J. **Os japoneses no bairro da Liberdade - SP na primeira metade do século XX**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde->

28042014-092601/publico/dissertacaofinal.pdf. Acesso em: 24 ago. 2023.

GAYNER, J. Chess in shorts: The thrill of table tennis. **Independent**, Londres, 13 de março de 2008. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/sport/general/others/chess-in-shorts-the-thrill-of-table-tennis-794888.html>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GONÇALVES, P. C. **A Grande Imigração no Brasil (1880-1930):** números e conjunturas. In: REZNIK, L. (org.). História da Imigração no Brasil. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. p. 91-132.

GUEDES, C; ZIEFF, S; NEGREIROS, P. Clubes de imigrantes em São Paulo – SP. In: DACOSTA, L. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 624-726. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/150.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

IMIGRAÇÃO japonesa no Brasil. **National Diet Library**, [s. l.], 2009. Disponível em: <https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/index.html>. Acesso em: 24 ago. 2023.

ITTF. Documents. In: ITTF. **[Site institucional]**. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://www.ittf.com/wp-content/uploads/2016/10/worldchamps.pdf>. Acesso em: 22 de mar. de 2022.

ITTF. History of table tennis. In: ITTF. **[Site institucional]**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.ittf.com/history/documents/historyoftabletennis/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

JTTA. História/Organograma. In: JTTA. **[Site institucional]**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://jtta.or.jp/history>. Acesso em: 24 ago. 2023.

KIYOTANI, M.; YAMASHIRO, J. Do Kasato-Maru até a década de 1920. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA (org.). **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Editora Hucitec. 1992. p. 63-135.

KIYOTANI, M.; WAKISAKA, K. Cultura, Educação e Religião. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA (org.). **Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil.** São Paulo: Editora Hucitec. 1992. p. 381-416.

LESSER, J. **A Invenção da Brasilidade:** Identidade Nacional, Etnicidade e Políticas de Imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MARINOVIC, W; IIZUKA, C; NAGAOKA, K. **Tênis de mesa:** teoria e prática. São Paulo: Phorte Editora, 2006.

NETO, M. A imigração japonesa no estado do Rio de Janeiro: história, colonização e o ensino de japonês. In: SAPPIL – Estudos de Linguagem, 6., 2015, Niterói. **Anais [...].** Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015. p. 354-369. Disponível em: <http://www.mhijrio.com.br/Arquivo/IJRJ.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2023.

NUNES, A. V.; RUBIO, K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 667-678, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/52889>. Acesso em: 24 ago. 2023.

OKAMOTO; NAGAMURA. Burajiru Jihô (Notícias do Brasil) e Nippak Shimbun (Jornal Nipo-brasileiro): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941) Monica Setuyo Okamoto Yukako Nagamura. **Escritos Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, Rio de Janeiro, Ano 9, n. 9, p. 147-179, 2015. Disponível em: <https://www.mhijrio.com.br/Arquivo/IJRJ.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

OUTROS jogos e festivais de domingo. **A Gazeta**, Vitória, edição 06895, p. 7, 18 de janeiro de 1929.

PARABÉNS à FPTM pelos 80 anos (1929-2009). **Confederação Brasileira de Tênis de Mesa**, 2009. Disponível em: <https://www.cbtm.org.br/noticia/detalhe/80540>. Acesso em: 18 de jul. 2023.

PINGUE-PONGUE. **A Gazeta**, Vitória, edição 08216, p. 9, 1 de junho de 1933a.

PINGUE-PONGUE. **A Gazeta**, Vitória, edição 08239, p. 8, 28 de junho de 1933b.

PING-PONG. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, edição 103330, p. 10, 9 de setembro de 1928.

RUBIO, K. Tradição, Família e Prática Esportiva: a cultura japonesa e o Beisebol no Brasil. **Movimento**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 37-44, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2498>. Acesso em: 24 ago. 2023.

SAKAKIBARA, H. A Historical Study on the Doubles Games in Table Tennis as Introduced by Dr. Yasumasa Nagayama in the Early 1930s: His Contributions and the First Step towards the Internationalization of Table Tennis in Japan. **International Journal of Table Tennis Sciences**, n. 6, 2010. Disponível em: https://sasportscience.blob.core.windows.net/ijttts/IJTTS_6_pdf%20files/IJTTS_6_1_45_148_Sakakibara_A%20historical.pdf. Acesso em: 26 fev. 2024.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SUZUKI, F. S.; MIRANDA, M. L. de J. A história da imigração japonesa e seus descendentes: prática de atividade física e aspectos sócio-culturais. **Conexões**, Campinas, SP, v. 6, p. 409-

Tênis de mesa e colônia japonesa em São Paulo: como tudo começou? (1927-1952)
Gustavo Kenzo Yokota.

418, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637844>. Acesso em: 24 ago. 2023.

TAKEUCHI, M. Y. **Imigração Japonesa nas Revistas Ilustradas: Preconceito e Imaginário Social (1897-1945)**. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2016.

YOKOTA, G. **Manual do Tênis de Mesa**. São Paulo: Editora Giostri, 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.